

DESEMPREGO ESTRUTURAL

O crescimento econômico, ou melhor, a ausência dele, tem sido apontado como o principal fator para os altos níveis de desemprego no Brasil. Naturalmente, se conseguíssemos manter altas taxas de crescimento econômico, o país sanearia o problema do desemprego conjuntural. Contudo, o desemprego estrutural, aquele em que a vaga do trabalhador foi substituída por máquinas ou processos produtivos mais modernos, não se resolve apenas pelo crescimento econômico. Aquele trabalho executado por dezenas de trabalhadores agora só necessita de um operador, ou melhor, dezenas de empregos transformaram-se em apenas um. É claro que se a economia estiver aquecida será mais fácil para estes trabalhadores encontrarem outros postos de trabalho.

É comum associar o desemprego estrutural ao setor industrial. Este setor deixa mais evidente a perda de postos de trabalho para máquinas ou novos processos de produção, porém isto ocorre também na agricultura e no setor de prestação de serviços. Em muitos lugares, inclusive no Brasil, culpou-se a tecnologia (que estaria roubando empregos e condenando os trabalhadores à indigência). Não há dúvida de que a tecnologia participa do processo, mas é um equívoco condená-la como a vilã do desemprego estrutural. A invenção do tear mecânico, da máquina a vapor ou do arado de ferro foram marcos que resultaram em um aumento significativo da produtividade e conseqüente redução de custos, permitindo a entrada de um enorme contingente de excluídos no mercado consumidor. Da mesma forma que sentimos hoje, o emprego sofreu impacto destes inventos de pelo menos 150 anos. Durante o século XX além de novos inventos, vários sistemas econômicos também foram experimentados.

Logo após a segunda grande guerra, com o mundo chocado pelos acontecimentos, optou-se por um modelo de governo que protegesse e desse uma série de benefícios às populações, o chamado Estado do Bem Estar Social. Criou-se um modo de governar em que tínhamos o Estado-Empresário, o Estado-Saúde, e muitos outros Estados que se ocupavam dos mais diversos ramos da atividade econômica para oferecer o necessário à população. Infelizmente não existe mágica e para cumprir estes papéis o governo passou ano após ano sugando, cada vez mais, da sociedade não estatizada os recursos necessários, na forma de tributos, para que estes papéis fossem desempenhados pelo Estado-Patrão. A fadiga deste modelo começou a se verificar nas décadas de 70 e 80 e na Grã-Bretanha começou-se a implantação do modelo atual, o neoliberalismo. Hoje este modelo é utilizado em quase todo mundo e tem como princípio a saída do Estado da economia e o fim dos benefícios sociais. A privatização de estatais, a desregulamentação de setores restritos a empresas do governo fazem parte dos objetivos do neoliberalismo.

Na verdade, não há muito de novo. O desemprego estrutural já existia antes da indústria automobilística. O que há de novo é a velocidade das mudanças, cada vez mais intensas e a diminuição do Estado-Patrão para as funções típicas de governo como o judiciário e segurança pública. Nesta situação, o que realmente nos incomoda é a de falta de segurança quanto às escolhas para o futuro. Se na década de 60 ou 70 uma boa instrução poderia garantir um sustento razoável, hoje uma boa instrução pode apenas dar uma chance melhor no mercado de trabalho. Nem mesmo carreiras tradicionais como medicina, direito ou engenharia estão ilesas as incertezas dos tempos da informação.

Com o ritmo das mudanças acelerado, muitas profissões deixam de existir e o medo do novo pode não eliminar sua profissão, mas talvez eliminar o seu emprego. Fazer como

antigamente ou negar-se ao novo pode fazer com que sejamos sérios candidatos ao desemprego estrutural. Aliás, o principal fator para que nosso emprego ou empresa não entre num estado estacionário rumo a extinção é a inovação. Parece óbvio, mas a busca por novas habilidades e qualificações ou novos produtos e serviços empurra para frente este estado estacionário. As habilidades e qualificações a que me refiro não são apenas as formais, mas aquelas que fazem a diferença na empresa. A educação formal é fundamental, mas a aplicabilidade desta educação e o empenho em agregar valor ao produto ou serviço da empresa é uma questão de sobrevivência. O desemprego estrutural está em nossos calcanhares, mas isto não é novidade para a humanidade. Apesar da insegurança e do desconforto da luta pela sobrevivência dia após dia como se ainda caçassemos a refeição do jantar, faz parte da humanidade que se renova, ou melhor, que se inova todos os dias.

Paulo André de Oliveira
Professor de Economia da FMR